

Ferenand, o Fiel e Ferenand, o Infiel

Viviam no mundo um marido e sua esposa, e enquanto eram ricos, não tinham filhos; quando empobreceram, então nasceu-lhes um filhinho. Mas eles de modo algum conseguiam encontrar um padrinho para si, e o marido decidiu ir à vila mais próxima e lá procurar.

No caminho até lá, encontrou-se com ele um pobre homem, que perguntou para onde ia. O marido disse-lhe que ia procurar um padrinho para si, que era pobre e por isso ninguém queria ser seu compadre. "Oh!", disse o pobre homem. "Tu és pobre, e eu também sou pobre, então deixa que eu seja o padrinho do teu filho! Sou tão pobre que nada posso dar à criança; mas vai tu e diz à mãe que leve a criança à igreja."

Quando o marido e a esposa chegaram à igreja, o pobre homem já os esperava lá e deu à criança o nome de Fernando, o Fiel. Quando saíram da igreja, o pobre homem disse: "Vamos cada um para sua casa; não posso dar-vos nada, e vós nada me deveis dar."

Mas ele deu à parturiente uma chave, dizendo que, ao chegar em casa, ela a entregasse ao pai para guardar, até que a criança completasse quatorze anos completos: então que ela fosse e procurasse a fechadura à qual aquela chave servisse, e tudo o que se encontrasse naquela fechadura ficaria para sempre com ela.

Quando o menino completou apenas sete anos — e era de grande estatura —, foi um dia brincar com outras crianças, e começaram eles a vangloriar-se de quanto cada um recebera do padrinho, mas ele nada tinha de que se orgulhar.

Voltou para casa indignado e disse ao pai: "Acaso não recebi nada do meu padrinho?" "Oh sim!", disse o pai. "Recebeste a chave de uma fechadura; quando fores e a encontrares, abrirás com essa chave."

Então o menino foi e começou a olhar e procurar, mas de nenhuma fechadura havia notícia ou sinal.

Sete anos depois, quando completou quatorze anos, foi novamente à procura da fechadura e viu: havia uma fechadura. Quando a abriu com a chave, nada encontrou nela, exceto um cavalo cinza malhado. O jovem alegrou-se tanto com esse achado que imediatamente montou no cavalo e correu até o pai. "Eis", disse ele, "agora tenho um cavalo, agora também eu partirei em viagem."

E realmente, partiu de casa e, viajando pela estrada, viu que havia uma pena de escrever caída no chão; quis apanhá-la, mas depois pensou consigo mesmo: "Deixa-a ficar onde está! Onde quer que eu chegue, encontrarei uma pena de escrever, se precisar."

Quando já estava longe da pena, ouviu alguém chamá-lo: "Fernando, o Fiel, leva-me contigo!" Ele olhou em volta, não viu ninguém, voltou até a pena e apanhou-a.

Pouco tempo depois, aconteceu-lhe passar junto a uma água, e viu: havia um peixe na margem, abrindo bem a boca, aspirando ar.

Então disse ele: "Bem, peixinho, ajudar-te-ei a voltar à água", pegou-o pela cauda e atirou-o na água.

Então o peixe ergueu a cabeça da água e disse: "Tu ajudaste-me a sair da lama para a água, assim também eu te darei uma flauta. Quando estiveres em perigo, toca nela — eu virei em teu auxílio, e se deixares cair algo na água, imediatamente o tirarei da água para ti."

Prosseguiu ele em sua viagem, e encontrou-se com um homem que lhe perguntou para onde ia. "Ora, à vila mais próxima." "E como te chamas?" "Fernando, o Fiel." "Bem, então temos nomes quase iguais: eu chamo-me Fernando, o Infel."

E dirigiram-se ambos à vila mais próxima, a uma estalagem. Só que havia algo de ruim: Fernando, o Infel, com ajuda de várias feitiçarias, sabia sempre o que o outro pensava e o que pretendia fazer.

Na estalagem onde ambos os Fernandos chegaram, havia uma criada, muito bonitinha, que se comportava de maneira muito amável; ela apaixonou-se por Fernando, o Fiel, porque ele era um jovem bonito, e perguntou-lhe até onde pretendia viajar. "Ora, quero apenas viajar um pouco."

Então ela aconselhou-o a ficar e disse que havia em sua cidade um rei que de bom grado o tomaria a seu serviço como criado ou como cocheiro. Fernando respondeu que não gostaria de ir assim e oferecer seus serviços por si mesmo. E a moça respondeu-lhe: "Oh, sendo assim, eu mesma farei tudo isso por ti."

E assim foi ela ao rei e perguntou-lhe se não desejava tomar a seu serviço um belo criado.

O rei ficou muito contente com essa proposta e mandou que Fernando viesse até ele, querendo tomá-lo como criado. Mas Fernando preferiu ser cocheiro, porque não queria separar-se de seu cavalo; e o rei tomou-o como cocheiro.

Quando Fernando, o Infiel, viu isso, disse à moça: "Não poderias ajudar-me também a conseguir um lugar?" "Por que não? Ajudar-te-ei também", disse a moça, mas pensou consigo mesma: "Com este não se pode brigar, porque nele não se pode confiar."

E ela foi ao rei e conseguiu-lhe um lugar de criado. Certa manhã, enquanto vestia seu rei, este começou a suspirar e a dizer queixosamente: "Ah, se minha amada pudesse estar comigo!"

E Fernando, o Infiel, assim que ouviu isso, disse ao rei: "Sim, pois tendes um cocheiro; enviai-o então até lá buscar vossa amada, para que ele a traga; e se não a trouxer, cortai-lhe a cabeça dos ombros."

Ordenou o rei que chamassem Fernando, o Fiel, e disse-lhe que tinha, aqui e ali, uma amada, e que ele deveria trazê-la até ele; e se não a trouxesse, perderia a cabeça!

Fernando, o Fiel, foi ao estábulo até seu cavalo e começou a lamentar seu destino: "Ai, que infeliz sou eu!"

Então alguém atrás dele disse: "Fernando, o Fiel, por que choras?" Ele olhou em volta, não viu ninguém e continuou a lamentar-se: "Ai, meu querido Malhado, parece que devo separar-me de ti, parece que devo morrer!" E novamente alguém o chamou: "Fernando, o Fiel, por que choras?"

Só então percebeu que era seu Malhado quem falava, e perguntou-lhe: "És tu, Malhadinho? E és capaz realmente de falar?" — E acrescentou: — "Devo ir até aqui e até ali e trazer ao rei uma noiva, sabes acaso como devo proceder nisso?"

Respondeu-lhe Malhado: "Vai ao rei e dize que, se ele te der o que pedires, tu lhe trarás a noiva: se ele der um navio cheio de carne e um navio cheio de pão, então esse assunto deverá dar certo. Lá, além-mar, vivem gigantes enormes, e se não lhes lewares carne, eles próprios te despedaçarão; e há também grandes pássaros que te arrancarão os olhos se não lhes preparares pão."

Então o rei ordenou a todos os açougueiros que matassem gado e a todos os padeiros que assassem pães, para encher os navios.

Quando estes foram enchidos, Malhado disse a Fernando, o Fiel: "Bem, agora monta em mim e leva-me contigo no navio, e se vierem os gigantes, dize:

Silêncio, silêncio, pequeninos gigantes,

Cuidei de vós,

E trouxe provisões valiosas.

— E quando os pássaros chegarem, dize-lhes novamente:

Silêncio, silêncio, meus passarinhos,

Cuidei de vós,

E trouxe provisões valiosas.

Então nada te farão e ainda te ajudarão, quando chegares àquele castelo onde a princesa jaz em sono profundo; tu observa — não a despertes, mas leva contigo dois gigantes e manda que carreguem-na na cama até o navio."

E tudo aconteceu exatamente como Malhado dissera.

Aos gigantes e aos pássaros, Fernando, o Fiel, entregou o que trouxera para eles: e os gigantes ficaram muito satisfeitos, e carregaram a princesa na cama até o navio.

E quando ela chegou ao rei, disse que não podia ficar, se não lhe fossem trazidos seus escritos, que esquecera no castelo.

Então foi chamado Fernando, o Fiel, por instigação de Fernando, o Infiel, e o rei ordenou-lhe que trouxesse aqueles escritos do castelo, e se não os trouxesse, seria executado.

Assim foi ele novamente ao estábulo e começou a lamentar-se, dizendo: "Oh, meu querido Malhado, enviam-me novamente, como devo proceder?" Então disse Malhado que, como antes, seria necessário carregar o navio com carga completa. E ele partiu novamente, como da primeira vez, e saciou os gigantes e os pássaros com carne e pão, e assim os acalmou.

Quando chegaram ao castelo, Malhado disse-lhe que deveria entrar lá e ir até o próprio quarto da princesa, onde sobre a mesa estavam seus escritos.

Foi Fernando, o Fiel, e obteve aqueles escritos. Quando voltavam navegando no navio, Fernando deixou cair sua pena na água, e Malhado disse-lhe: "Bem, nisso não te posso ajudar." Então Fernando lembrou-se de sua flauta, começou a tocar nela, e eis que surgiu o peixe, segurando a pena na boca, e entregou-a a Fernando. Depois ele levou os documentos ao castelo, onde foi celebrado o casamento.

Contudo, a rainha não podia amar o rei, porque ele não lhe agradava,

E Ferénand, o Leal, agradou-lhe e ela passou a amá-lo.

Certo dia, quando todos os cortesãos se reuniram junto ao rei, a rainha disse-lhes que sabia fazer truques. "Vejam só", disse ela, "posso cortar a cabeça de alguém e

torná a colocá-la no seu lugar; alguém deseja experimentar?" Contudo, ninguém se atreveu a submeter-se a tal truque, e novamente foi necessário que Ferénand, o Leal, se oferecesse, instigado por Ferénand, o Desleal.

De fato, a rainha cortou-lhe a cabeça, tornou a colocá-la no lugar, curou-o, e apenas lhe ficou no pescoço uma marca, como um fio vermelho.

Então o rei disse-lhe: "Dize-me, minha querida, onde aprendeste essa arte?" "Sim", respondeu ela, "sou hábil nessa arte; não queres tu mesmo experimentá-la em ti?" "Por que não experimentar?", disse ele.

E ela cortou-lhe a cabeça, mas não a recolocou no lugar, como se não soubesse fazê-lo ou como se a cabeça não se mantivesse sobre os ombros dele. Assim enterraram o rei; e a rainha casou-se com Ferénand, o Leal.

Quanto a Ferénand, continuou a montar o seu Malhado; e certo dia, enquanto cavalgava sobre ele, o cavalo disse-lhe que fosse a outro campo e o circundasse três vezes.

Quando ele assim fez, o Malhado ergueu-se sobre as patas traseiras e transformou-se num príncipe.